

**A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO PROCESSO DE
ENSINO–APRENDIZAGEM**

Roberta Santana Barroso (UENF)
robertasbf@hotmail.com

Clodoaldo Sanches Fofano (UENF)
clodoaldosanches@yahoo.com.br
Edilaine da Silva Freitas (UENF)
edilainefreitas_21@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)
elinafff@gmail.com

Sinthia Moreira Silva Ribeiro (UENF)
sinthia_moreira@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre *A atuação psicopedagógica no processo de ensino-aprendizagem*, a fim de compreender a Psicopedagogia como suporte para a solução das dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. A escolha para a fundamentação teórica implicou na relação de obras ligadas ao assunto, tomando por base o pensamento de Bossa (2007); Fernández(1990/2010); Visca (1991), dentre outros. É um trabalho metodologicamente estruturado por uma pesquisa bibliográfica, por meio de fontes teóricas que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. O estudo feito sobre o tema nos leva a pensar em uma prática educativa respaldada na teoria, porém jamais podendo esquecer que no dia a dia a Psicopedagogia estará na companhia de indivíduos que são capazes de construir seu próprio conhecimento, agindo assim, como mediadores entre o sujeito e a aprendizagem. Sendo assim, verificou-se que o papel da Psicopedagogia não pode ser esquecido, deve-se investigar, diagnosticar e intervir mediante as dificuldades de aprendizagem, juntamente com as pessoas envolvidas com a prática educacional.

Palavras-chave:

Psicopedagogia. Processo ensino–aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem.

1. Introdução

“Quem ensina transmite sinais do conhecimento àquele que aprende; este os transforma e reconstrói o conhecimento. Os movimentos ensinante e aprendente podem ser simultâneos e estão presentes em todo vínculo. Somente quem se posiciona como ensinante pode aprender; e apenas quem se posiciona como aprendente pode ensinar.” (FERNÁNDEZ, 1990, p. 126)

O fazer pedagógico é algo bastante complexo. Os profissionais da Educação encontram muitas dificuldades para lidar com os inúmeros problemas sócio-cognitivos que surgem, em especial, os relacionados ao ensino–aprendizagem. Para solucionar ou minimizar essas situações, os educadores devem proceder de forma reflexiva, sempre repensando a sua prática, conscientes de suas limitações e de seu poder transformador. Além disso, faz-se necessária a participação ativa da família, da escola, do aluno e de outros profissionais da Educação ou de áreas afins.

A Psicopedagogia faz parte desse contexto como auxiliadora no avanço do processo de ensino–aprendizagem, age como facilitadora do entendimento, fornecedora de mecanismos adequados para reverter a problemática existente, operando como mediadora na relação dos sujeitos envolvidos. Cabe também a esse profissional sistematizar ideias, levantar questionamentos, propor caminhos e estabelecer possíveis relações com diferentes campos do conhecimento. Assim, surge o desafio de refletir criticamente sobre o espaço/tempo de formação, sobre o conhecimento adquirido, sobre teorias e saberes que fazem parte do campo conceitual. Além de propiciar um maior conhecimento do papel do psicopedagogo e como sua atuação é de suma importância para o processo de ensino–aprendizagem.

Sendo assim, levanta-se a seguinte **questão problema**: Haverá uma maneira do psicopedagogo intervir de forma significativa em todo o processo de aprendizagem, sendo facilitador e/ou desobstrutor na construção de um espaço adequado às condições de cada educando, sem comprometimentos?

Para responder à questão-problema, foi necessário lançar mão dos procedimentos de pesquisa, realizou-se um levantamento bibliográfico de autores que dialogam com a ideia e corroboram com a concepção da eficácia da participação dos psicopedagogos no processo de aquisição do conhecimento.

Destarte, vislumbra-se a possibilidade da imprescindível colaboração dos psicopedagogos para resolver e/ou reduzir as dificuldades recorrentes. A partir dessa compreensão, delinea-se este artigo no qual o **objetivo geral** é tornar significativo o papel desse profissional na melhoria das condições do processo de ensino–aprendizagem, bem como na prevenção dos problemas, dando assistência aos professores e a outros profissionais da instituição escolar. Traça-se a partir daí os seguintes objetivos específicos: 1) identificar quais problemas que as instituições es-

colares encontram no processo de ensino–aprendizagem: 2) elucidar os conceitos de autonomia e autoria, valorizando os vínculos construídos e considerando a história de vida do educando; 3) entender a atuação do psicopedagogo; 4) propor novos caminhos que fomentem o desejo de aprender e ensinar através da atuação psicopedagógica.

2. Dificuldades no processo de ensino–aprendizagem nas instituições escolares

Com as mudanças aceleradas que acontecem no mundo em todos os campos da vida humana, a escola sofre com a falta de recursos (financeiros, físicos, materiais e pessoais) para efetivar suas propostas, seus sonhos e sua função. Sendo assim, os problemas mais encontrados nas instituições escolares estão ligados à relação professor/aluno, passando pela questão da disciplina e das dificuldades de aprendizagem, decorrentes ou não desse fator relacional.

Educadores encontram-se inseguros no “como” realizar sua ação, e os teóricos e técnicos que se propõem a ajudá-los repetem em seus discursos que não há “receita pronta”. Os professores não sabem como agir, mesmo que deles se espera algo bastante original. Muitas vezes, eles não podem construir uma ação inovadora por falta de referencial, ou seja, de uma “receita” que não precisa estar pronta e acabada, mas que possa gerar reflexões, questionamentos e adaptações necessárias após a consideração dos ingredientes disponíveis.

Acredita-se que a psicopedagogia, como área de estudo e atuação, voltada para a aprendizagem e para as dificuldades que podem surgir neste processo, tem muito a colaborar para aperfeiçoar e ampliar as possibilidades da escola. Tal colaboração se concentra nas questões ligadas à prevenção das dificuldades de aprendizagem tanto no que se refere à melhoria da qualidade do processo ensino–aprendizagem quanto ao que diz respeito à minimização e ou superação de problemas já existentes. Esse conceito de prevenção em Psicopedagogia é apresentado por Visca (1991):

[...] a prevenção primária refere-se, numa primeira versão, ao conjunto de medidas que se preocupam em desenvolver e manter condições ideais de aprendizagem, sendo sua segunda possibilidade a implantação de medidas que auxiliem no controle de fatores já obstaculizadores deste mesmo processo; e a prevenção secundária caracteriza-se por mobilizar recursos que contribuam para o não agravamento das dificuldades já existentes ou, em

último caso, propiciem a reabilitação ou recuperação das mesmas. (VIS-CA, 1991, p. 45)

Na realidade atual das instituições escolares, essa ação preventiva precisa considerar os problemas já levados (a difícil adaptação de alunos à vida escolar, as dificuldades para ensinar e aprender, o comportamento inadequado para aprender e a violência reinante no interior das escolas) como sintomas que denotam a existência de obstáculos difíceis de serem transpostos.

Para Bossa (2007) o psicopedagogo tem muito o que fazer na escola: Sua intervenção tem um caráter preventivo, sua atuação inclui:

- orientar os pais;
- auxiliar os professores e demais profissionais nas questões pedagógicas;
- colaborar com a direção para que haja um bom entrosamento em todos os integrantes da instituição e;
- principalmente socorrer o aluno que esteja sofrendo, qualquer que seja a causa.

São inúmeras as intervenções que o psicopedagogo pode fazer para ajudar os alunos quando precisam, auxiliando na identificação de muitas situações que podem atrapalhar uma criança na escola, sem que o professor perceba, isso é o que ocorre com a maioria das crianças com dificuldades de aprendizagem. Problemas familiares, com os professores, com os colegas de turma, no conteúdo escolar, e muitos outros são questões que acabam por tornar a escola um lugar aversivo em vez de prazeroso.

3. A importância da intervenção psicopedagógica nos problemas encontrados nas escolas

A atuação psicopedagógica relaciona-se, portanto, com o problema escolar e de aprendizagem, interferindo de forma individual ou grupal, conforme se apresenta o problema. Tratar e prevenir esses problemas de aprendizagem em classes de alfabetização pode amenizar um fato bastante comum ao final do primeiro ano de escolaridade, quando algumas crianças finalizam o ano letivo com um nível insuficiente de aprendiza-

gem e, posteriormente, sempre repetem algum dos anos do Ensino Fundamental.

A psicopedagogia é uma área de estudo diretamente relacionada à aprendizagem escolar, tanto no que tange a seu decurso normal quanto às dificuldades que possa apresentar. É preciso que todos os envolvidos com o processo de aprendizagem analisem a situação, e não somente o aluno, que é uma das parcelas de um todo do conhecimento em construção uma vez que, às vezes, poder se apresentar mais fácil ou mais difícil para quem ensina ou aprende.

Refletir psicopedagogicamente sobre os problemas de aprendizagem consiste em procurar compreender a forma como o aluno ou os alunos estão utilizando os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender. Significa refletir também com as relações que se estabelecem entre aluno e conhecimento, as quais são interpostas pelo professor e pela escola. Na concepção de Barbosa (2007)

Quando dizemos que a Psicopedagogia se preocupa com o ser completo, que aprende, não podemos esquecer que faz parte da completude deste ser a capacidade de aprender em interação com aquilo ou aquele que ensina; e que a ação de ensinar não é sempre exercida pelo professor, assim como a de aprender não é de responsabilidade somente do aluno. (BARBOSA, 2007, p. 45)

A criança, quando tem a oportunidade de expor suas ideias, acaba demonstrando em que etapa do processo de aprendizagem ela se encontra. Ao falar, trocar ideias entre os colegas, quando explica, argumentando sobre suas hipóteses está interagindo, reelaborando o conhecimento já adquirido. O professor precisa incentivar o aluno a expor suas ideias, sem se deixar levar por um reducionismo conceitual do tipo certo/errado, já que o aluno pode levantar hipóteses sobre um fato conhecido (erro construtivo). O professor deve perceber, portanto, que o “erro” do aluno pode ser útil para facilitar o desenvolvimento da aprendizagem. Aliás, a pedagogia do “erro” é um desastre para o processo ensino-aprendizagem já que o erro, neste caso, desempenha um papel fundamental, uma vez que se constitui numa importante etapa da aquisição do conhecimento.

Esses problemas de aprendizagem referem-se às situações difíceis que a criança encontra, mas sempre com expectativas de que, a longo prazo, terá sucesso. Eles interferem de forma significativa no rendimento escolar individual. Um aluno que não consegue acompanhar o ritmo de seus colegas apresenta dificuldades para ajustar-se aos padrões e normas estabelecidos pela escola, ou sente-se desmotivado e perturbado emocio-

nalmente. Quando enfrenta uma metodologia inadequada, é agrupado aos alunos que já estão rotulados como possuidores de problemas de aprendizagem.

É necessário compreender a sociedade com a qual se vive, através de sua cultura, suas relações de classe, suas relações de produção para envolver as especificidades do trabalho psicopedagógico que, por sua vez, não se dá desconceitualizado. Deve-se reconhecer as mudanças que têm ocorrido nas diversas fases de desenvolvimento da criança, a infância e a adolescência que já requerem novos olhares por parte dos psicopedagogos, psicólogos, dos pediatras e, lógico, dos educadores. Isso leva, inevitavelmente, a uma reavaliação do papel da escola e dos professores diante do ato de ensinar. Logo, a psicopedagogia não lida diretamente com o problema, lida com as pessoas envolvidas. Trabalha com as crianças, com os familiares e com os professores, levando em conta aspectos sociais, culturais, econômicos e psicológicos. No ambiente familiar, de acordo com Lima (1980), o processamento contínuo do procedimento do sujeito e a forma como os pais reagem corrobora muito o trabalho de inserção da problemática, no replanejamento.

Cada aluno tem uma história diferente, uma necessidade diferente, uma expectativa diferente quando se relaciona com o outro, inclusive com o professor. Por sua vez, o professor em sala de aula não vê o aluno com o mesmo olhar de outro professor. O professor não apenas transmite os conhecimentos ou faz perguntas, mas também ouve o aluno, deve dar-lhe atenção e cuidar para que ele aprenda a expressar-se, a expor suas opiniões. Para obter uma boa interação no aspecto cognoscitivo, é preciso levar em conta o manejo no recurso da linguagem; variar o tom da voz, falar pausadamente quando necessário e falar com simplicidade sobre os temas complexos.

Nesse sentido, o que mais conta é a condição social do aluno e não a sua idade cronológica, conhecer também o nível de conhecimento dos alunos, ter um bom plano de aula. Entende-se como sendo um bom plano de aula aquele que tem objetivos claros e estratégias de ensino capazes de ser colocadas em prática de acordo com a capacidade dos alunos e os recursos de sala de aula disponíveis na escola, explicar aos alunos o que espera deles em relação à assimilação da matéria. Outros aspectos indispensáveis são os socioemocionais. Esses aspectos referem-se aos vínculos afetivos entre o professor e os alunos, como também às normas e exigências objetivas que regem a conduta dos alunos na aula.

4. *Em busca do sujeito autor*

Ao pensar em autoria, pensa-se em Psicopedagogia, uma área de estudo interdisciplinar; que olha para o sujeito como um todo no contexto no qual está inserido; que estuda os caminhos do sujeito que aprende e aprende, adquire, elabora, saboreia e transforma em saber o conhecimento.

A Psicopedagogia é o campo no qual floresceu o conceito de sujeito autor. Para Bossa (2007),

A psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, e a uma ação profissional teve que englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. (BOSSA, 2007, p. 19)

O autor afirma que, na contemporaneidade, a Psicopedagogia encontra-se empenhada na concepção de aprendizagem segundo a qual atua um sujeito biológico com sua afetividade e seu aparato intelectual, interferindo no modo como esse sujeito faz suas relações com o meio, uma vez que suas interações sofrem influências e também são influenciadas pelas condições desse sujeito situado no meio sociocultural. O professor, portanto, estará influenciando a relação do seu aluno com o meio. Seus valores e autoria de pensamento estarão presentes e refletidos na relação professor/aluno.

As ideias de Vygotsky e seus estudos sobre o sujeito social, unidos à Psicopedagogia, justificam que o sujeito social pode ser um sujeito autor: aquele que pela mediação interage com o outro e constrói sua autoria. Assim, um sujeito que constrói sua autoria através da mediação com o social e que está inserido em um todo integrado.

Toma-se aqui a compreensão de sujeito autor como aquele que constrói a autoria não por conteúdos acadêmicos e sim aquele que se autoriza a construir e conduzir sua própria vida. O sujeito com autoria que se institui e se faz presente através de um “corpo” que sente, existe, ama e proclama sua liberdade de ser, de estar e viver no eterno presente, no eterno agora. Fernández (2010) define autoria como:

O processo e o ato produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção. [...] Um sujeito que não se reconheça autor pouco poderá manter sua autoria. (FERNÁNDEZ, 2010, p. 90)

Para a autora o sujeito que não é capaz de manter sua autoria não poderá ser responsável por ela e tão pouco compartilhá-la. Ainda, a autoria de pensamento é condição para a autonomia do sujeito e ambas (auto-

nomia e autoria) alimentam-se mutuamente numa relação de reciprocidade. Portanto, o ser humano que faz sua autoria se humaniza e não se maquiniza. Decide viver através do seu próprio olhar, do seu próprio viver, do seu próprio criar.

Autoria de pensamento é algo imprescindível para que o sujeito seja conectado com a condição humana mais valiosa de liberdade. E, somente um trabalho psicopedagógico com os mestres, professores e profissionais da educação poderia levar à construção de laços de solidariedade que possibilitassem alguma autoria de pensamento e autonomia que hoje não faz parte do cotidiano pedagógico. Consequentemente, os alunos teriam na escola um espaço de reflexão e construção de sua própria autoria e autonomia.

4.1. Valorização da autonomia e a história de vida do educando

O mundo de hoje muda com uma rapidez quase impossível de ser acompanhada, em todos os aspectos, pelo ser humano. Assim, deve-se refletir a respeito da atuação do educador em tempos velozes de informações, tecnologia e conhecimento. Isso, às vezes, causa uma sensação de impotência no educador para atuar, porém ele não pode esmorecer. Cabe-lhe ficar atento, reavaliar sempre que possível, buscando, dentro das possibilidades, novas aquisições a respeito da maneira de ensinar.

Uma busca que é árdua e infinita, mas também gratificante e produtiva para o educador e de grande valia para o educando. Freire (1996, p. 43) diz: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.”. Sendo assim, é preciso que o educador reflita sobre sua prática, de forma que deseje favorecer a autonomia do ser dos educandos; estabelecer uma intimidade entre os saberes e a experiência social que eles têm como indivíduos colaborando para que o conhecimento encontre em si um novo sentido.

A aprendizagem humana é um processo contínuo de transformação no qual o educador colabora para o desenvolvimento dos seres humanos que vivem num mundo de mudanças intensas e rápidas. O educador é o parceiro mais experiente e deve aproveitar as oportunidades como desafios para conduzir de forma eficiente o trabalho escolar.

A relação saudável entre educador e educando só contribuirá para o crescimento de um e a realização do outro. A educação é um processo

que se dá através do relacionamento e do afeto para que possa ocorrer de forma prazerosa o processo de ensino–aprendizagem. O educando, tratado dessa maneira e com respeito, tendo valorizada sua história de vida, sente-se à vontade para ser crítico, autônomo, criativo em suas novas descobertas. No entanto, não é possível que o educador pregue a autonomia sem ser autônomo; que fale de liberdade sem experimentar a conquista da independência, que é o saber. Ainda, de acordo com Freire (1996, p. 66), “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

O respeito à autonomia do ser do educando e à identidade do educando exige do educador uma prática coerente com esse saber. O fundamental é que educador e educando saibam que a postura deles é dialógica, aberta, curiosa, indagadora no processo de ensino–aprendizagem, quando fala ou quando ouve, para que assim realizem a troca tão válida para esse processo, pois “Mestre não é aquele que faz ideias de seus discípulos, é o que os auxilia na gênese e na gestação dessas ideias.” (CHALITA, 2001, p. 139).

Para o psicopedagogo o conhecimento está sempre disposto a ser desenvolvido, lapidado, assim como o pensamento que, por não ser autônomo, necessita de ligações como o desejo (com o outro) e os limites do real para poder situar-se como autor de seu pensar. Dessa maneira, estimular a autoria do pensamento é fomentar um conhecimento cheio de limites. Segundo Fernández (2010, p.91), a autoria do pensamento é condição para a autonomia da pessoa e, por sua vez, a autonomia, favorece a autoria do pensar. À medida que alguém se torna autor, poderá conseguir o mínimo de autonomia.

Nesse relacionamento entre educador–educando, sempre deve haver espaço para dúvidas, curiosidades, desafios, mudanças e inquietações a fim de produzirem e, juntos enfrentarem os obstáculos e conquistas que há no ato de ensinar e aprender. Para esses não existem papéis definidos que os cumpram, ambos (educador e educando) devem estar aptos a ensinar e a aprender a todo instante.

5. *Promoção de uma aprendizagem significativa*

A atuação do psicopedagogo é fundamental para a comprovação da aprendizagem significativa no processo ensino-aprendizagem. Fonta-

na (1991), acrescenta que a aprendizagem é uma mudança relativamente persistente no comportamento de um indivíduo, devido à experiência e às bagagens que potencializam sua integração no contexto social no qual está inserido. Isso deixa claro que a aprendizagem é um caminho que possibilita a todos, crianças e adultos, constante perspectiva de crescimento. Vista como caminho, a aprendizagem passa a ser concebida a partir da experiência, e não da idade cronológica que o indivíduo se encontra.

Na aprendizagem significativa, o fundamental é que ocorra ao menos duas situações iniciais. A primeira reside na figura do aprendente, que deve ter incorporado ao seu mover-se no mundo o desejo de aprender, indo além da memorização pura e simples. Caso isso não ocorra, percebemos a aprendizagem mecânica, não dotada nem de significado nem de sentido.

Outra situação a ser observada está ligada ao fato de que o conteúdo/tema a ser assimilado, construído e apreendido na relação de ensinagem entre ensinantes e aprendentes deve ser significativo, criar possibilidades de vínculos psicológicos e filosóficos e conter, em sua vinculação, sentido lógico e que nesse processo, ocorra a mediação enquanto experiência entre sujeitos que interagem, cada qual com sua própria bagagem existencial e com seus próprios modos de ser e estar nesse movimento de aprendizagem.

Ao considerar que cada pessoa é única, a criança, necessariamente, não repetirá a história, bem ou malsucedida de seus pais. Ela é fruto de uma época diferente, o contexto em que está sendo educada é outro, por isso logicamente ela será uma outra pessoa. É importante que os pais controlem o volume de expectativa sobre a paciente.

Os conhecimentos prévios dos educandos consistem de tudo quanto já sabem, daquilo que trazem para a sala de aula como resultado de suas experiências empírico-concretas liminarmente vividas. Esses conhecimentos devem ser considerados pelo psicopedagogo e trabalhados pelo docente na prática pedagógica que vise a promoção contínua da aprendizagem significativa.

O psicopedagogo e o educador devem focar seus esforços no desenvolvimento do educando: o primeiro, numa intervenção psicopedagógica que procure promover constantemente a aprendizagem significativa no contexto pedagógico da instituição; enquanto, o segundo, numa prática educacional que objetive um ensino significativo constante.

Podem-se entender os aportes teóricos que revelam que o ser humano aprende ininterruptamente do nascimento até o final de seus dias que para: A aprendizagem é uma variável dependente dos aspectos afetivos, cognitivos e sociais que acontecem simultaneamente em virtude de um processo de retroalimentação constante (VISCA, 1999, p. 36).

O cenário educativo requer a formação da cidadania e é exigência de ensinar de forma que a aprendizagem seja significativa. De fato, para que uma aprendizagem ocorra de forma significativa, é necessário a contribuição do que é aprendido em diferentes situações. Com isso Ausubel (1978) propõe que:

[...] as condições em que ocorre a aprendizagem com as propostas metodológicas oferecidas relacionadas à estrutura cognitiva do aprendiz de maneira não arbitrária e não literal. Para que o aprendiz tenha significado subjaz integração construtiva entre pensamento, sentimento e ação que conduz ao engrandecimento humano. (AUSUBEL, 1978, p. 112)

Aprendizagem significativa caracteriza-se, pois, por uma interação (não por uma simples associação) entre os aspectos específicos e relevantes da estrutura cognitiva e as novas informações por meio da qual essas adquirem significado e são integradas à estrutura cognitiva de maneira não-arbitrária e não-literal, contribuindo para a diferenciação, elaboração e estabilidade dos supervisores pré-existent e, conseqüentemente, da própria estrutura cognitiva. Ausubel (1978) ratifica:

Podem-se falar em aprendizagem significativa quando se assume que aprender possui um caráter dinâmico de ações de ensino para os alunos aprofundarem e ampliarem os significados elaborados mediante participações que construam sua forma de aprender. (AUSUBEL, 1978, p. 13)

Nessa concepção, o ensino é um conjunto de atividades sistemáticas, cuidadosamente planejadas, em torno das quais conteúdos e formas articulam-se inevitavelmente, nas quais o professor e o aluno compartilham parcelas cada vez maiores de significados com relação aos conteúdos do currículo escolar, ou seja, o professor guia suas ações para que o aluno participe de tarefas e atividades que o façam se aproximar cada vez mais do seu aprendizado com significado.

Muitas vezes, a criança precisa de um pouco mais de tempo para interpretar e assimilar de forma assertiva as questões que serão delimitadoras da sua maneira de ver e sentir o mundo. É dessa forma pura e, muitas vezes, ingênua que a criança formará sua personalidade. Contribuir para o crescimento dos processos da aprendizagem e auxiliar no que diz respeito a qualquer dificuldade em relação ao rendimento escolar, tam-

bém é do âmbito da psicopedagogia, bem como de educadores em geral.

Saber como o aluno constrói seu conhecimento, compreender as dimensões das relações com a escola, com os professores, com o conteúdo e relacioná-los aos aspectos afetivos e cognitivos, permite uma atuação mais segura e eficiente. Considera-se que o desenvolvimento do educando se dá harmoniosamente e equilibradamente nas diferentes condições orgânica, emocional, cognitiva e social. Assim, as dificuldades de aprendizagem podem surgir quando um ou mais aspectos citados encontram-se alterados e tendem a agravar-se na medida em que não são diagnosticados precocemente.

É possível afirmar que o ser humano é singular e somente a ele pertence sua situação, sua relação com o processo que lhe foi oferecido e o desenrolar desse. O processo de construção do conhecimento se dá em base sólida de acordo com a afetividade que se tem perante o objeto de estudo e o desconhecido, pressupondo-se que todo desconhecido é novo e tem que associar-se ao já aprendido, modificando-o e aumentando-o.

É importante que o professor tenha consciência de que a criança traz consigo a bagagem natural cultural e também traz todas as referências afetivas. No aspecto social, destaca-se o ambiente, a quantidade e a qualidade de estímulos recebidos e o valor dado à aprendizagem pela família e/ou meio social comunitário.

A atuação da Psicopedagogia tem como base o analisar a forma como a criança pensa e não propriamente o que aprende. Ter um olhar psicopedagógico de um processo de aprendizagem é buscar compreender como eles utilizam os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender.

6. Considerações finais

O propósito deste estudo foi refletir sobre a atuação psicopedagógica no processo de ensino-aprendizagem. Mas também identificar quais problemas que as instituições escolares encontram no processo de ensino-aprendizagem; elucidar os conceitos de autonomia e autoria, valorizando os vínculos construídos e considerando a história de vida do educando; entender a atuação do psicopedagogo; propor novos caminhos que fomentem o desejo de aprender e ensinar através da atuação psicopedagógica.

O psicopedagogo não é apenas um “solucionador” de problemas, e sim um conhecedor de que, dentro de seus limites e de suas especialidades, pode auxiliar a escola a afastar e até mesmo remover obstáculos que se inserem entre os sujeitos e o conhecimento. Além disso, formar cidadãos por meio da elaboração de práticas educativas que aperfeiçoam processos de humanização e da capacidade de pensamento crítico.

Este estudo baseia-se em práticas educativas respaldadas na teoria, porém jamais pode-se esquecer que, no dia a dia como profissional da Psicopedagogia, o mesmo estará na companhia de indivíduos que são capazes de construir seu próprio conhecimento, agindo assim, como mediadores entre o sujeito e a aprendizagem, pois essa profissão remodela e amplifica a apresentação completa e sucinta dos procedimentos básicos da ação psicopedagógica.

Numa ação interdisciplinar, ele dedica-se em áreas pertinentes ao planejamento educacional e assessoramento pedagógico, contribui com planos educacionais e lúdicos no âmbito das organizações, agindo numa modalidade cujo caráter é clínico institucional, ou seja, executando diagnóstico institucional e propostas operacionais pertinentes.

Dessa forma, o estudo psicopedagógico alcança seus objetivos quando, aumentando a compreensão com relação às características e necessidades de aprendizagem de certo aluno, desata espaços para que a escola proporcione recursos para atender às necessidades de aprendizagem. Para isso, deve-se considerar o Projeto Político Pedagógico, sobretudo quais as suas propostas de ensino e o que é reconhecido como aprendizagem.

Por fim, vale destacar que o papel da Psicopedagogia não pode ser esquecido, deve-se investigar, diagnosticar e intervir mediante as dificuldades de aprendizagem, juntamente com as pessoas envolvidas com a prática educacional. Sendo o psicopedagogo um profissional que pode trabalhar de maneira preventiva e intervir em prol da aprendizagem das crianças, acreditando nas habilidades, potencialidades e dificuldades de modo individual, constituindo-se em um campo que demanda aprofundamento permanente de pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSUBEL, Davi P. *Psicologia educativa: um ponto de vista cognitivo*. México: Trillas. 1978.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BARBOSA, L. M. S. *A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar*. Curitiba: Expoente; 2007.

BOSSA, Nádia. *A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2007.

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2004 edição revista e atualizada.

FERNÁNDEZ, A. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1990.

_____. *O saber em jogo: A psicopedagogia, propiciando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FONTANA, D. *Psicologia para professores*. Tambaré Baurueri: Manole, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, L. O. *Piaget para principiantes*. São Paulo: Summus, 1980.

VISCA, Jorge. *Psicopedagogia: novas contribuições*. Organização e tradução Andréa Morais, Maria Isabel Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.